

33º ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP – VIDAS

Texto ANPAP 2024

MUSEU DO ARTESANATO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: VIDAS E VIVÊNCIAS DE UM LUGAR DE DISCURSIVIDADES ENDÓGENAS

MUSEU DO ARTESANATO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: LIVES AND EXPERIENCES FROM A PLACE OF ENDOGENOUS DISCURSIVITIES

Associado/a/e ANPAP: Sim*

RESUMO

O presente artigo propõe refletir sobre as ações, lições e soluções de pertencimento e de cuidado com o meio-ambiente desenvolvidas pelo Museu do Artesanato do Estado do Rio de Janeiro, em Petrópolis, a partir do tema VIDAS, proposto pelo 33º Encontro Nacional da ANPAP em 2024. Desse modo, busca-se apresentar reflexão sobre os modos de como as poéticas artísticas foram se constituindo neste espaço expositivo. Inspirado na museologia social, defende-se uma lógica da reencenação do popular, gerando novos entendimentos sobre os modos da arte se apresentar socialmente ao mundo. Além disso, busca-se responder e aprofundar sobre as características percebidas nas obras expostas, levando-se em consideração os diferentes contextos de vida de seus autores e as suas respectivas relações com o eixo cidade/natureza.

PALAVRAS-CHAVE

Artesanato. Arte. Natureza. Vidas. Cotidiano

This article proposes to reflect on the actions, lessons and solutions of belonging and care for the environment developed by the Craft Museum of the State of Rio de Janeiro, in Petrópolis, based on the theme LIVES, proposed by the 33rd National Meeting of ANPAP in 2024. In this way, we seek to present a reflection on the ways in which artistic poetics were constituted in this exhibition space. Inspired by social museology, a logic of re-enacting the popular is defended, generating new understandings about the ways in which art presents itself socially to the world. Furthermore, we seek to respond and delve deeper into the characteristics perceived in the works on display, taking into account the different life contexts of their authors and their respective relationships with the city/nature axis.

KEY WORDS

Crafts. Art. Nature. Lives. Everydaylife

1. De mãos dadas com a vida dos artesãos e com a natureza: (trans)formando sonhos em realidade

“Sonho pra fazer e faço!”

Seu Gabriel Joaquim dos Santos, artista autor da Casa da Flor

Fruto de um antigo sonho de infância e atuando dentro de um regime participativo/ comunitário, semeando dias melhores na contramão das previsões mais severas para o planeta (LATOUR, 2020), o atual Museu do Artesanato do Estado do Rio de Janeiro, localizado na cidade de Petrópolis, após completar uma década de existência, segue seu curso de vida, inaugurando novas salas e exposições, ampliando sua coleção que já soma mais de trezentas obras. Seu idealizador, o artista, designer e professor Cocco Barçante, ao transformar, pouco a pouco, a antiga casa de veraneio sua família em um lugar mágico e improvável, acolhendo mundos e pertencimentos, tornando-a atraente e surpreendente a experiência de quem a visita, sempre considerou como uma de suas fontes de inspiração determinante a obra do artista Gabriel Joaquim dos Santos, responsável pela construção da Casa da Flôr, em São Pedro d’ Aldeia – RJ. Desta admiração, resulta a citação que coroa estas linhas, uma frase escolhida pelo próprio artista-designer, quando provocado em conversa amistosa sobre o pensamento primordial que conduz suas realizações.

Não obstante, na mesma entrevista concedida recentemente dentro do próprio corpo do museu, no interior da *Sala de Bordados* da outrora Casa de Cultura Cocco Barçante, acrescenta nomes de outros artistas fundamentais na construção conceitual e estética desta obra-viva, podendo-se aqui citar, os também mencionados Arthur Bispo do Rosário e Getulio Damado, cujas poéticas ajudam a entender melhor o direcionamento e o vigor criativo deste lugar. Trata-se de uma arquitetura constituída de muitos níveis, camadas e ambientes que, ao se entrelaçarem organicamente, abraçando de modo ímpar a geografia serrana local, trazem à tona o diálogo fértil com múltiplos saberes, subjetivações e memórias, celebrando as artes manuais de inúmeros mestres artesãos. Nesta costura de distintos talentos, realidades e tecidos sociais, a comunicação permanente com variados contextos de vida, abraçando o cotidiano dos artistas que compõem este grande sonho coletivo, regido pelo signo da diversidade.

Este espaço é muito sonhado, muito idealizado, empreendido também, juntando sonho e realidade. Este quintal é um quintal que abrange os meus sonhos e os sonhos de trezentas pessoas que estão aqui representadas no museu, porque representa a valorização e o fortalecimento da atividade artesanal e da economia criativa no Estado do Rio de Janeiro.

Cocco Barçante

Entrevista de 05 de janeiro de 2022. Fonte própria.



Imagem 1. A colorida fachada do Museu do Artesanato do Estado do Rio de Janeiro, Petrópolis - RJ. Intervenção artística coletiva de tijolos e materiais recicláveis. Fonte própria.

Conforme foi enriquecendo a casa convertida em suporte e arquitetura-artística (sempre em movimento) – adornada, reinventada e repleta de *mitopoéticas* (FROTA, 2005) –, interrelacionando vidas, percursos e narrativas enredadas, Cocco Barçante consegue levar a efeito de modo criativo, mas fundamentalmente colaborativo – a envolver inúmeros atores, parceiros e talentos em suas ações –, as reflexões contidas no livro do professor e pesquisador Adair Rocha, intitulado “Cidade Cerzida” (2012). Assim, reestabelecendo maior equilíbrio e entendimentos entre “centros” e “periferias”, supera, discute e problematiza dicotomias históricas, incentivando o encontro generoso de manualidades, reajustando e reorganizando o modo da arte se apresentar socialmente. Desse modo, também materializa, com rara leveza e interesse, as palavras de Nestor Garcia Canclini, defendidas em seu livro a *Socialização da Arte* (1980), cujo teor pode percebido com facilidade em cada oportunidade de fruição e de contemplação deste acervo, cabendo dizer que neste lugar os conceitos e valores socioculturais associados às vidas daqueles

que participam deste museu assumem lugar de protagonismo. Nesta perspectiva de inclusão e abandono dos códigos hegemônicos, a inapelável reflexão e revisão epistêmica dos conceitos sobre arte.

A arte nunca é tão fascinante, criativa e libertadora como quando atua de forma solidária com a capacidade produtiva e cognoscitiva do povo.

Nestor Garcia Canclini
In. A Socialização da Arte, p.37, 1980.



Imagem 2. Intervenção artística inspirada na Casa da Flor em um dos espaços do Museu do Artesanato do Estado do Rio de Janeiro, Petrópolis - RJ. Fonte própria, 2021.

Para além do posicionamento museológico adotado, deve-se acrescentar no bojo desta concepção o seguinte lema – a funcionar neste espaço como um verdadeiro mantra: “(...) *romper a lógica excludente no campo das representações sociais*” (CHAGAS, 2006, p.14). Assim, buscando seguir os ensinamentos do professor e museólogo Mário Chagas, o artista Cocco Barçante responde com seu ‘*sonho realizado*’, motivado pela sabedoria das trocas intersubjetivas e pela descoberta da museologia social cada um dos questionamentos e provocações contidos na obra “*Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mario de Andrade*” (2006). Nesta publicação, logo no texto de apresentação desta obra, assinado pela museóloga Regina Abreu, a percepção bem traduzida do que está em jogo e do que acontece neste espaço inspirado, tomado de saberes. Em outras palavras, aquilo que não escapa das ações e intenções urdidas no Museu do Artesanato de Petrópolis:

Por que os museus insistem numa única versão dos fatos, dos acontecimentos, das experiências dos homens, das mulheres, das crianças? Existem tantas... São tantas e tão instigantes... Por que apenas o leque da marquesa, a coroa do Imperador, a louça brasonada, os bustos dos poderosos, as pinturas da Corte, as fotografias das eternas inaugurações de obras e monumentos que louvam inexpressivos governantes? Por quê? Se cada vida é habitada por trezentas vozes contraditórias e pulsantes?

Regina Abreu* (CHAGAS, 2006, p.14)

Professora de Antropologia da Escola de Museologia e do Programa de Pós-graduação em Memória Social da UNIRIO, co-organizadora com Mário Chagas de Memória e Patrimônio.

Assim, já há algum tempo, nem mesmo a cidade de Petrópolis resistiu às discursividades aqui em causa, já não se apresenta apenas constituída pelos elegantes corredores arquitetônicos dos palacetes e do imponente Museu Imperial. No sentido oposto, a terra ocupada outrora pela monarquia brasileira encontra-se, atualmente, mais equilibrada e em diálogo permanente com muitas realidades endógenas de vários municípios e bairros fluminenses, entre os quais: a Rocinha, Maré, Cidade de Deus, no Rio, Itaperuna, Conservatória, Maricá, Natividade, Macaé, Araruama, parati e Nova Iguaçu. Responsável pela ressignificação do circuito cultural petropolitano, o novo museu que nasce sob a inspiração do fazer artesanal, inicialmente como Casa de Cultura Cocco Barçante, fruto de um processo de observação das potencialidades manuais atuantes no Estado do Rio de Janeiro. Por intermédio do projeto “*Sentimentos do Rio*”, passou a reunir em regime colaborativo, identidades socioculturais das mais diversas regiões que, incorporadas a este lugar, oportunizam sempre, a cada visita, uma revalidação e uma requalificação do que a professora e pesquisadora Isabela Frade, já havia observado em seu texto *Pedagogia do Artesanato*, quando diz que “(...) a separação arte/ artesanato é uma falsa dicotomia”, pois “a mão está viva e vive a serviço da inteligência.” (FRADE, p.44)



Imagem 3. Detalhe da obra *Caminhos de Petrópolis com Arte* que apresenta os principais cartões postais de Petrópolis, incluindo o Museu do Artesanato do Estado do Rio de Janeiro, assinado pelo artista Giancarlo Rubini.

Da colorida fachada, passando pela ladeira de acesso e pela obra *Caminhos de Petrópolis com Arte* (imagem 3), de autoria do artista Giancarlo Rubini, onde monitores de computador são transformados em telas de pintura – apresentando os principais pontos turísticos de Petrópolis, desde o pórtico de entrada até o Trono de Fátima –, e após passar pela *Praça do Abraço*, atingindo a *Avenida da Criatividade*, chegando até os corredores e ambiente interiores, a certeza de estarmos diante de um território recheado de poesia: mudas de planta que ressignificam e ganham vida em sapatos velhos; a favela renascida em tijolos coloridos; potes de tinta que formam a imagem do Cristo Redentor; cacos de azulejos que se transformam em mosaicos, seja homenageando e reverberando os encantos da Casa da Flor, seja ; bordados envolvendo diversas materialidades, formatos e narrativas sobre a cidade de São Sebastião; enfim, territórios afetivos [trans]bordados em sentimentos de um museu inteiro feito pela sabedoria das comunidades artesãs do Estado do Rio de Janeiro, que imprimem em seus respectivos fazeres e repertórios, em diferentes iconografias sobre a cidade, proposições criativas, ressignificando de modo arrebatador as concepções de centro e periferia.

Com mais de 300 peças, o acervo já se soma a outras tantas, caso das obras lúdicas da sala temática recém-inaugurada em homenagem ao artista Deneir. Dotada de brinquedos interativos e cinéticos, além de objetos que este artista cria com o reaproveitamento de bicicletas e latinhas feitas de metal. Todo este conjunto também nos ajuda a repensar de que forma podemos nos relacionar

com os conteúdos artísticos e culturais de Petrópolis, expandindo nossa compreensão sobre patrimônio. Importante lembrar, que este espaço também se dedica a defender à natureza, em uma proposta de reutilização de materiais, a exemplo da árvore criada em diálogo com a Casa da Flor, repleta de bricolagens e de azulejos com aves da região serrana. No interior deste lugar mágico, também se encontra a recém-inaugurada obra “*Nós passarinho*” (imagem 4), instalação artística que se reporta ao ecossistema da mata-atlântica, avizinhandose a simpática instalação do Projeto Morrinho (imagem 9), que também integra esta expressiva coleção feitas de afetos e de mundos. Recentemente Getúlio Damado também ganhou uma sala temática, inaugurada com a presença do famoso artista de Santa Teresa. Contando com o ilustre homenageado, familiares e amigos participaram deste momento significativo que busca se conectar com histórias de vida, que sabem responder com arte poesia as consequências que vem sendo geradas pelo Antropoceno. Cada espacialidade e pedaço de chão, gestados coletivamente, envolvendo inúmeras parcerias, formam espécie de *poema-museu*, como se cada sala, trecho ou caminho tivéssemos uma estrofe; em cada parede, um verso; em todo o conjunto, rimas que atravessam, se correspondem e se multiplicam em muitas formas de recepção. Enfim, um espaço de relações, afetivamente realizado.



Imagem 4. Detalhe da obra “*Nós passarinho*”, instalação artística em mosaico que se reporta à Casa da Flor e ao ecossistema da mata-atlântica.

Com efeito, a partir de uma casa continuamente ressignificada, que soube aprender e acompanhar o ritmo cadenciado dos saberes manuais observados em inúmeras situações – fazendo jus ao nome do museu que se tornou –, é

manifestamente nítida a incorporação do caráter orgânico que tece e rege a vida dos trezentos artistas em seus respectivos fazeres, tão bem representados e acomodados neste lugar. Assim, à imagem e semelhança das mãos inteligentes que a inspiram – aspecto sempre flagrante nos projetos e processos de criação –, não há como deixar de reconhecer espécie reencenação redentora do popular, corrigindo a rota dos “(...) *artesãos que não chegam a ser artistas, a individualizar-se, nem mesmo participar do mercado de bens simbólicos legítimos.*” (CANCLINI, 2008, p. 205), onde o aspecto poético curatorial acompanha as discursividades apresentadas.



Imagem 5. Detalhe do acervo e a placa contendo o texto de apresentação do Museu do Artesanato do Estado do Rio de Janeiro, assinado pelo museólogo Hugo de Souza Didier.
Fonte própria.

Cocco Barçante ao se apresentar desta forma, se integra a outras experiências museológicas que desejam valorizar a *Arte do Povo Brasileiro* (FROTA, 2005). Assim, este museu, uma vez identificado com as manualidades oriunda das classes trabalhadoras, ajuda a tornar cêntricas produções de regiões periféricas. Desse modo, se colocando mais próximo ao campo de ações curatoriais que incluem, por exemplo, as abordagens estéticas encontradas no Museu Janete Costa e no Museu do Folclore Edson Carneiro, estabelecidos respectivamente na cidade de Niterói e no antigo bairro do Catete, no Rio de Janeiro. Conforme, sempre afirma, quando realiza suas viagens e itinerâncias, na busca de expressões artesanais ainda desconhecidas, enfatiza que “(...) *a gente precisa valorizar o que é nosso, valorizar o que é genuíno*”. Não obstante, seu recorte discursivo é constituído de outras vertentes que, ao abarcar ações educativas de sustentabilidade, e de defesa do meio ambiente, criam e oportunizam um

diferente modo de ver as expressões artísticas autodidatas, que abarcam o *popular* no Estado do Rio de Janeiro.

Nesta abertura cabe ainda explicitar que a designação polissêmica de ‘popular’ abrange desde a classe trabalhadora que mantém uma rede de relações viva e compartilhada em seu território, no campo e na cidade, bem como um universo heterogêneo de camadas (...)

Lelia Coelho Frota

Analogamente a uma bricolagem, um grande mosaico ou um *patchwork*, esta aprazível localidade de Petrópolis se remodela e se reinventa em novas nuances e arranjos que, anunciados junto aos canteiros e plantas cultivadas em muitos jardins, acentuam ainda mais as metamorfoses plásticas que ocorrem diariamente neste lugar. Assim, ao marcar de tempos em tempos, as fases da exteriorização de suas novas belezas, integrando novos nomes que se somam as diversas comunidades artesãs do estado do Rio de Janeiro, se impõem também os discursos de cuidado e preservação do meio-ambiente. Cocco Barçante sempre nos lembra que mais de 90% do acervo é constituído do reaproveitamento de materiais, chegando a dizer que “(...) *Joaquim Gabriel dos Santos já falava disso em 1920*”. Nesta lógica, também se propõe como agente de reeducação ambiental. Assim, em um tempo sem pressa, coerente e mais próximo às realidades do fazer manual das peças expostas, se coloca na cena museal petropolitana e brasileira como um novo “jardim” e que, apesar de muitas primaveras, ainda se releva como uma novidade para muitos cidadãos petropolitanos e fluminenses. Em cada canto, um cuidado distinto, um capricho, uma surpresa, uma frase bordada, pintada ou exibida em material reciclado, gerando espécie de poesia estendida, de cada matéria transformada, daquilo que podemos tomar conhecimento já diante na placa inaugural, aliando-se ao “(...) *compromisso sustentável com o meio ambiente, sempre em conjunto com o desenvolvimento da economia solidária/ criativa.*”

Ao ampliar suas *escritas e percursos culturais* (LIMA, 2010), emprestando esmero e atenção às novas delicadezas que renovam cada espacialidade modificada, Cocco Barçante faz questão de sublinhar sua afetuosa influência materna e paterna. Desta maneira, no terreno em que conheceu e aprendeu a

amar desde muito cedo, onde teve a sorte de desenvolver e aprimorar seu gosto pela arte, criando uma consciência cada vez maior sobre o aproveitamento criativo dos materiais, mantém viva as relações que coleciona, vinda das memórias de tantos acontecimentos estéticos que emergem desta residência. Além de ser o lugar de suas primeiras aulas de pintura, também recebeu de seus pais uma valiosa formação estética. Desse modo, conciliando as atividades profissionais exercidas pela sua mãe – estilista – e seu pai – arquiteto –, vem se dedicando e aplicando boa parte de seu tempo nas transformações que podemos admirar naquilo que Cocco Barçante chama de ***Rio como inspiração e Petrópolis como paleta de cores***. O artista, então, pode reativar e remontar suas vivências de infância a cada nova hora de criação enquanto os visitantes, fazê-lo a cada tempo de ação frutiva, percebendo e reconhecendo a grata influência que vem do próprio sangue. É assim que o artista sonhador/ realizador articula e publiciza suas origens, conjugando-as, em muitas oportunidades, aos outros núcleos de saberes desta casa, sempre em contato com as suas reinvenções. Em cada reforma de ambientes, acolhendo novas linguagens, técnicas e intenções estéticas de sua coleção, a percepção clara e viva do que herdou esteticamente de seus pais.

Meu pai e minha mãe sempre foram ligados a área estética, porque meu pai era arquiteto (...) e minha mãe teve uma importância muito grande, pois era estilista, (...) comecei a pintar roupas para a confecção dela. Ela tinha uma confecção de roupas muito artísticas, com técnicas tradicionais de pintura e de tingimentos, e aí eu pintei muitos anos para confecção dela. Tem toda essa influência sim, muito positiva. Tá na veia, essa questão da estética.

Cocco Barçante
Entrevista de 05 de janeiro de 2022. Fonte própria.

Também junto a já mencionada colorida fachada de tijolos, a necessidade de compartilhar com todas as pessoas e grupos interessados, inúmeras formas de aprendizados. Assim, pode-se se ver anunciados diversos cursos e interesses que desejam promover, nos horários e dias disponibilizados, o contato com diferentes atividades artísticas: *estamparia e pintura em tecido, pintura em tela, arte para crianças, pintura em aquarela, design sustentável*. Acrescenta-se a estas oportunidades de se vivenciar diversos fazeres artísticos destinados a

diversos públicos, o convite para se conhecer as salas e galerias de arte desta grande casa-museu, com seu belo acervo de artesanato em contato permanente com a natureza. Assim, temos em um mesmo espaço, o convite à fruição estética, deixando o público visitante sempre em contato com obras de diversos artesãos, o exercício de atividades criativas, além da reflexão sobre os cuidados que devemos manter com o planeta. Por tudo que nos oferece, também pode-se considerar o Museu do Artesanato como um campo de estudo fértil para se tecer relações com *Ideias para adiar o Fim do Mundo* (KRENAK, 2019), além de se buscar lidar com o conceito de *naturezas-culturas* (LATOUR, 2013), abrindo-se também à *Ecologia dos Saberes* (SANTOS, 2009).

2. Rios de Sentimentos: ressignificando a cidade de mãos dadas com a natureza

Agir sobre as coisas é pensar sobre elas, é percebê-las, senti-las, descobrindo suas qualidades.

Isabela Frade
A pedagogia do Artesanato (p. 45, 2006)



Imagem 7. O Cristo Redentor ressignificado e multiplicado no Museu do Artesanato do Estado do Rio de Janeiro: a cidade vaidosa desdobrada em diversidade. Fonte própria. 2022.

A *cidade vaidosa* (KNAUSS, 1999), também pode ser vista multiplicada, reencenada em inúmeras reapresentações/ imagens neste espaço. Assim, Cocco Barçante nos aproxima de um dos cartões postais mais icônicos do cotidiano do carioca, igualmente presente naquele que se revela como o imaginário mais imediato do Rio de Janeiro: a imagem do Cristo Redentor. Por meio de várias técnicas e linguagens, exteriorizada e reverberada em situações

distintas, o famoso símbolo aparece evocando a proximidade com a natureza, em instalação integrando o grande lago – onde as crianças e visitantes se entretêm com a presença de tartarugas e peixes; além de ser exibida em painéis pintados e bordados, que também participam de mostras itinerantes; bem como em mosaicos ou produzido com potes coloridos de tinta guache.

Assim, ressignificando cada um dos espaços expositivos, sublinha-se que o Rio de Janeiro pode assumir muitas faces, regiões, territórios e que pode ser perfeitamente percebido por vários olhares e cores diferentes. Plasticamente plural, o Cristo torna-se neste museu uma *imagem da vaidade* e da diversidade. Dessa forma, utilizando uma das identidades simbólicas e turísticas mais representativas da Cidade Maravilhosa, a imagem do Cristo Redentor se encontra distribuída em várias escalas e alturas diferentes, recepcionando e aproximando cada visitante de um Rio enriquecido por diversas comunidades, ajudando a compor a ideia de pertencimento, mas sempre se aliando à celebração de contextos diferentes, sentido fundamental na lógica de imersão defendida pelo Museu do Artesanato do Rio de Janeiro.

No caso do Rio de Janeiro, destacam-se na imaginária urbana as soluções que conduzem à perspectiva monumental da paisagem da cidade. Imagens da vaidade, como ficou definido. (...). A identificação com a cidade ocorre a partir do ponto de vista distanciado ou exterior ao espaço urbano propriamente dito, A cidade torna-se paisagem (...).

Paulo Knauss
Cidade Vaidosa, p. 9, 1999.

Conforme um de seus projetos expositivos itinerantes mais representativos, a casa acolhe e faz pulsar os *Sentimentos do Rio*, de modo que o olhar atento logo percebe a extensa variedade de técnicas, narrativas e geografias que se somam e se concentram neste endereço, contando um pouco dos contextos de vida de várias regiões periféricas do Rio de Janeiro. Assim, apresenta aos visitantes, um lugar repleto de discursividades reveladas pelas mãos sensíveis e sábias de inúmeros artesãos que, por meio de suas obras, nos convidam a conhecer mais sobre seus territórios de origem e seus respectivos cotidianos. Criado em 2010 e situada na Rua Coronel Veiga, a grande novidade do cenário cultural de Petrópolis, comunica de modo substantivo seu apreço pela arte, pela

diversidade, pelo lúdico e pela reciclagem, sempre em convívio harmonioso com a natureza local, ressaltando que se trata de uma “(...)atualizada/ mediada pelas criações humanas e naturais”. Assim, quando o assunto é preservação do meio-ambiente, esta casa se coloca como uma forte aliada, se anunciando para o mundo de modo responsável, onde os laços e as relações com a natureza podem ser refeitos.



Imagem 8. Logotipo criado e utilizado evento cidades e comunidades sustentáveis. Fonte própria.

Em 2021, Cocco Barçante e o Museu do Artesanato participaram do Projeto Agenda 2030, associando-se ao evento **Cidades e Comunidades Sustentáveis**, uma iniciativa da ONU em parceria com a UERJ, aceitando o convite feito pelo Professor Ricardo Lima (UERJ). A Agenda 2030, que vem discutindo modelos de cidades sustentáveis no presente e nos próximos anos, em ação reflexiva envolvendo pesquisadores e entidades internacionais, propiciou um grande encontro que discutiu os drásticos efeitos do Antropoceno e as possíveis soluções de proteção ao planeta.

Logo na abertura de cada um dos dias das conferências deste webinar, foi apresentado o “*Projeto Rios de Sucata*”, por meio do qual o público participante pôde ter acesso a minidocumentários, exibindo diferentes formas de combinar ações artísticas à ideia de sustentabilidade. Nesta pequena mostra audiovisual foram apresentados os seguintes artistas: Getúlio Damado, criador de um ateliê-bonde em Santa Teresa; Cirlan Oliveira, artista e líder comunitário do Projeto Morrinho (imagem 9); Cocco Barçante, idealizador do Museu do Artesanato do Estado do Rio de Janeiro, em Petrópolis. Assim, em suas respectivas ações de proteção e cuidado com o meio ambiente junto às suas ações criativas, a ideia

veiculada de que as cidades podem se reinventar, promovendo maior cuidado com o planeta. No texto curatorial do Professor Ricardo Lima (UERJ), valorizando-se o diálogo com estes universos artísticos, podia-se ler:

O projeto “Rios de Sucata” traz a público artistas que atribuem novos significados aos descartes urbanos, transformando lixo em arte, contribuindo para equacionar o binômio cidade + sustentabilidade e tornar mais saudáveis o planeta e o meio ambiente.



Imagem 9. O Artista Cirlan Oliveira e a Revolução Artística do Morrinho, uma das expressões *Ser favela*, destaque no Museu do Artesanato do Estado do Rio de Janeiro. Fonte própria.

A exemplo da Revolução Artística do Morrinho (Imagem 9) e da percepção trazida à baila pela pesquisa *“Uma favela diferente das outras? – rotina, silenciamentos e ação coletiva na favela do Pereirão, Rio de Janeiro”*, de autoria de Lia Mattos Rocha, assim como pela pesquisa de doutorado empreendida pelo PPGARTES-UERJ (2017), não se poderia trazer dizer que, de modo análogo, o Museu do Artesanato também é um museu diferente dos outros? Ora, considerando o jeito peculiar de se apresentar socialmente ao mundo, se distinguindo de muitas outras experiências e trajetórias museológicas espalhadas pelo país, não parece que possa haver dúvidas a respeito.

3. Considerações finais

Devemos considerar a proposta do Museu do Artesanato do Rio de Janeiro como um importante centro de difusão da cultura popular do país, que redesenha no mapa a arte de inúmeros que saberes e fazeres manuais historicamente invisibilizados, merecendo, assim, toda atenção reflexiva, na oportunidade do

debate lançado pelo 33º Encontro Nacional da ANPAP em 2024. Com leveza e poesia, este museu também nos remete aos versos de Manoel de Barros. pelo anúncio das subjetividades, delicadezas, experiências e signos de universos detentores de saberes e fazeres singulares, oportunizam olhares renovados, em uma perspectiva de superação da lógica monocultural que busca acolher, intransigentemente, a “(...) *pluralidade de sujeitos, saberes e linguagens*” (CANDAU, 2020, p.27). Chama-se atenção aqui para potentes discursos tradicionais e comunitários tornam evidentes a revelação de mundos de um Brasil profundo que precisa ser [re]conhecido. Entende-se, assim, que tal acervo se coloca como referência identitária importante para o entendimento de nós mesmos, nos permitindo refletir para além dos modelos canônicos ou regimes hegemônicos. Concluindo, o desejo de que os espaços de arte aqui defendidos potencializem a ideia de pertencimento, a envolver as dimensões e as narrativas do *Ser floresta*, do *Ser criança*, do *Ser rua*, do *Ser favela*, do *Ser artesão*. Que as geografias e contextos das construções criativas aqui compartilhadas possam inspirar caminhos *suleados*, a considerar o sentido da própria afirmação da vida. Que possamos *Ser Terra*!

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no Ensino da Arte*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre o saber da experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas, 2002.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. *A Socialização da Arte: Teoria e prática na América Latina*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- CHAGAS, Mário de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade/ Mário de Souza Chagas*. Chapecó: Argos, 2006.
- CANDAU, Vera Maria; CRUZ, Giseli Barreto da; FERNANDES, Claudia (orgs). *Didática e fazeres-saberes pedagógicos: diálogos, insurgências e políticas*. Petrópolis: Vozes, 2020.
- CONDURU, Roberto. *Arte-afro-brasileira*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2007.
- FRADE, Isabela. *A pedagogia do artesanato*. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p.41 -9, 2006.

KNAUSS, Paulo (coord.). *Cidade Vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Sette letras, 1999.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo: Ed. 34, 2013.

_____. *Diante de Gaia: 8 conferências sobre a natureza no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Ubu Editora, 2020.

LIMA, Ricardo Gomes. *Objetos: percursos e escritas culturais*. São José dos Campos/ SP: Centro de Estudos da Cultura Popular; Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 2010.

ROCHA, Lia Mattos. *Uma favela diferente das outras? – rotina, silenciamentos e ação coletiva na favela do Pereirão, Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Faperj, 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes”, in Santos, Boaventura de Sousa e Meneses, Maria Paula (Orgs.), *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Editora Almedina, 23-71, 2009.

*Alexandre Guimarães – Doutor em Arte e Cultura Contemporânea pelo programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES), pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2017) e Professor de Artes Visuais do Colégio Pedro II.